



Mateus Teixeira Malueiro
Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Maria Thereza Oliveira Souza
Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima

Recebido: 2 de fevereiro de 2026

Revisado: 29 de março de 2026

Aceito: 5 de abril de 2026

Publicado: 30 de junho de 2026

Processo migratório de atletas e treinadores(as) de futebol nos clubes da UEFA Women's Champions League

Resumo

O futebol de mulheres tem passado por um processo acelerado de expansão e profissionalização, especialmente na Europa, onde a *UEFA Women's Champions League* (UWCL) se consolidou como a principal vitrine da modalidade e um polo de atração de jogadoras de diferentes países. Nesse contexto, este estudo analisou o processo migratório das atletas e treinadores(as) que atuaram nos clubes participantes da UWCL na temporada 2024/2025, por meio de uma pesquisa documental e descritiva com dados do *website* oficial da UEFA, contemplando 458 jogadoras e 16 treinadores(as). Os resultados indicam uma forte hegemonia intraeuropeia, visto que 86,9% das atletas estrangeiras são provenientes do próprio continente, enquanto apenas 13,1% vieram de outros continentes, sobretudo América e Ásia, sendo que clubes com maior investimento, especialmente os ingleses, concentram parte significativa dessas jogadoras. A análise por posição demonstrou que goleiras e defensoras apresentam menor mobilidade internacional, ao passo que meio-campistas e, principalmente, atacantes são as que mais migram, refletindo a valorização de posições de maior protagonismo e impacto ofensivo. Identificou-se também a reduzida presença de mulheres na comissão técnica (apenas três treinadoras entre os 16 clubes) evidenciando desigualdades estruturais no acesso a cargos de liderança. Conclui-se que o processo migratório no futebol europeu de mulheres reflete tanto o avanço da profissionalização quanto disparidades econômicas, geográficas e de gênero, funcionando como um motor de qualificação competitiva, mas ainda de forma seletiva e assimétrica.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres; Migração; *UEFA Women's Champions League*.

Migratory Process of athletes and coaches in UEFA Women's Champions League Clubs

Abstract

Women's soccer has undergone rapid expansion and professionalization, especially in Europe, where the UEFA Women's Champions League (UWCL) has established itself as the main showcase of the sport and a major destination for players from different countries. In this context, this study analyzed the migratory process of athletes and coaches from UWCL clubs in the 2024/2025 season through a documentary and descriptive approach based on data from the official UEFA website, covering 458 players and 16 coaches. The results indicate a strong intra-European hegemony, as 86.9% of foreign players come from within the continent, while only 13.1% originate from other regions, mainly the Americas and Asia, concentrated in clubs with greater financial investment, particularly those in England. Positional analysis revealed lower international mobility among goalkeepers and defenders, whereas midfielders and especially forwards are the most mobile, reflecting the market's preference for positions associated with offensive protagonism and

match-decisive performance. The study also identified the low presence of women in coaching roles (only three female coaches among the 16 clubs) highlighting structural inequalities in access to leadership positions. Overall, the findings show that the migratory dynamics in European women's football reflect both the advancement of professionalization and persistent economic, geographic, and gender disparities, functioning as a driver of competitive development, yet still in a selective and asymmetrical manner.

Keywords: Women's Soccer; Migration; UEFA Women's Champions League.

Introdução

O futebol, uma paixão global, transcende fronteiras e culturas, sendo o esporte mais popular do mundo. Enquanto o futebol masculino domina o cenário internacional há décadas, o futebol de mulheres vem conquistando seu próprio espaço e ganhando uma visibilidade considerável, especialmente na Europa (Brasil, 2025). Esse crescimento é impulsionado, dentre outros, por competições de alto nível, como a *UEFA Women's Champions League* (UWCL) (UEFA, 2024).

O futebol de mulheres, antes marginalizado e por tempos proibido, vive um momento de ascensão global (UEFA, 2024). Impulsionado por grandes eventos como Copas do Mundo, Jogos Olímpicos e, principalmente, competições de clubes como a UWCL. Paulatinamente, o esporte tem conquistado um público cada vez maior e mais engajado (Brasil, 2025). A profissionalização das ligas, o aumento de investimentos e a maior cobertura midiática têm permitido que, ainda que de forma inicial, as jogadoras se dediquem integralmente à sua carreira, elevando o nível técnico e tático do jogo (Martins; Delarmelina & Souza, 2024). Essa evolução tem um impacto direto não só no campo, mas também fora dele, inspirando novas gerações e quebrando barreiras sociais e culturais (Martins; Delarmelina & Souza, 2024).

O crescente interesse no futebol de mulheres na Europa tem gerado um fenômeno migratório complexo (Brum; Nascimento & Pereira, 2019). Atletas de diversas partes do mundo procuram os clubes da UWCL em busca de melhores condições de trabalho, salários mais altos, maior visibilidade e oportunidades de desenvolvimento profissional (Pizarro, 2024). Essa migração, influenciada por fatores econômicos, culturais e/ou políticos, tem se intensificado à medida que as ligas europeias se profissionalizam (Rojo; Souza; Starepravo, 2024).

Apesar do crescimento expressivo da produção acadêmica sobre a mobilidade internacional de atletas nas últimas décadas, esse campo de pesquisa permaneceu, por muito tempo, fortemente centrado nas experiências masculinas. Apenas mais recentemente a migração de mulheres atletas passou a receber maior atenção, evidenciando lacunas importantes nos estudos sobre deslocamentos transnacionais no esporte (Agergaard & Tiesler, 2015). No caso específico do futebol, essa ausência

de investigações foi frequentemente justificada pelo caráter mais recente, pela menor escala e pela estrutura ainda incipiente dos fluxos migratórios femininos. Contudo, como apontam Agergaard e Tiesler (2015), a mobilidade de mulheres futebolistas demanda uma abordagem analítica própria, capaz de articular diferentes escalas de análise. De um lado, destacam-se perspectivas macroscópicas, voltadas às estruturas econômicas, institucionais e políticas que regulam os mercados esportivos internacionais; de outro, emergem abordagens microscópicas, que enfatizam as motivações, trajetórias e experiências vividas pelas atletas ao cruzarem fronteiras nacionais, culturais e simbólicas. Essas dinâmicas transnacionais, marcadas por desigualdades, oportunidades e negociações constantes, materializam-se de forma particularmente intensa nos principais circuitos competitivos do futebol de mulheres, entre os quais se destaca a *UEFA Women's Champions League*, atualmente o principal polo de atração e visibilidade dessas trajetórias migratórias.

A *UEFA Women's Champions League* consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como a principal vitrine do futebol de mulheres de clubes na Europa, atraindo talentos globais e elevando progressivamente o nível da competição (Barata, 2025). Esse protagonismo resulta de um processo institucional mais amplo, iniciado ainda no final da década de 1990, quando a UEFA passou a incorporar de forma mais sistemática o futebol de mulheres às suas estruturas organizacionais, inicialmente por meio de competições de base e, posteriormente, com a criação de um torneio continental de clubes (Williams, 2013). A institucionalização da então *UEFA Women's Cup*, lançada em 2001 e reformulada como *Champions League* na temporada 2009/2010, representou um marco na profissionalização e na visibilidade do futebol de mulheres no continente europeu (Williams, 2013). Esse percurso histórico ajuda a compreender o crescimento recente da audiência e os recordes de público, como o registrado na final de 2024, em Bilbao, com 50.827 espectadores, evidenciando o impacto da competição na popularização do esporte (Barata, 2025). Mais do que destacar os melhores clubes europeus, a *UEFA Women's Champions League* atua como um polo estruturante do futebol de mulheres contemporâneo, funcionando como catalisador de investimentos, profissionalização e intensificação dos fluxos migratórios de atletas em escala global (UEFA, 2024).

Tendo em vista tal cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar o processo migratório de atletas e treinadores(as) de futebol nos clubes da *Union of European Football Associations* (União das Associações Europeias de Futebol) (UEFA) *Women's Champions League* (Liga Feminina) referente à temporada 24/25.

Processo Migratório no Esporte

A decisão de um(a) atleta de migrar pode ser influenciada por uma combinação de fatores, que podem ser agrupados em diferentes dimensões: econômicas, esportivas ou profissionais, pessoais ou culturais e políticas (Rojo; Souza & Starepravo, 2024).

Pelo lado econômico, encontramos o(a) atleta “mercenário”, o(a) qual possui característica financeira clara, cujo seu propósito é o enriquecimento imediato (Nascimento et al., 2020). Segundo Rojo, Souza e Starepravo (2024), a busca por melhores salários, contratos mais vantajosos e oportunidades de patrocínio é um dos principais motivadores. Além disso, atletas de países com menor investimento no esporte muitas vezes migram para ligas e clubes em nações mais ricas, onde a profissionalização e a remuneração são maiores (Nascimento et al., 2020).

A dimensão esportiva ou profissional é um motor poderoso para a migração. Atletas, independentemente do seu nível, estão constantemente buscando ambientes que lhes permitam atingir seu máximo potencial (Nascimento et al., 2020). Isso pode significar a mudança para ligas mais competitivas, onde o nível técnico e tático é superior, proporcionando um desafio maior e a possibilidade de aprimorar suas habilidades (Giddens, 2008). A busca por um clube com melhor estrutura de treinamento, com equipes técnicas mais qualificadas, ou com acesso a tecnologias e métodos de preparação de ponta, também é um fator determinante (Nascimento et al., 2020).

Muitos(as) atletas migram na esperança de alcançar maior visibilidade e reconhecimento (Nascimento et al., 2020). Ligas de elite em esportes como futebol, basquete e vôlei são vitrines globais, e jogar nelas pode abrir portas para seleções nacionais, grandes patrocínios e até mesmo carreiras pós-esporte (Nascimento et al., 2020). Para jovens talentos, a oportunidade de integrar categorias de base de clubes renomados, nas quais o desenvolvimento é mais focado e as chances de ascensão profissional são maiores, é um atrativo significativo (Rojo; Souza & Starepravo, 2024). Em alguns casos, a migração é impulsionada pela busca de novos desafios ou pela necessidade de revitalizar uma carreira estagnada, buscando um novo ambiente que ofereça mais oportunidades de jogo ou um estilo de jogo mais adequado às suas características (Giddens, 1978).

A dimensão pessoal ou cultural, segundo Giddens (1978) abrange uma série de fatores que afetam diretamente a vida do(a) atleta fora das quatro linhas. A decisão de migrar muitas vezes envolve a família, e a busca por melhores condições de vida, segurança, educação para os(as) filhos(as) e acesso a serviços de saúde de qualidade em outro país pode ser um forte motivador (Giddens, 2008). No entanto, a migração também impõe desafios significativos (Giddens, 2008). A adaptação a uma nova cultura, com seus costumes, idiomas e sistemas sociais distintos, pode ser árdua (Giddens, 2008). Barreiras linguísticas, diferenças gastronômicas e a saudade de casa são apenas alguns dos obstáculos que os(as) atletas e suas famílias podem enfrentar (Giddens, 2008). O

suporte social, a presença de uma comunidade de compatriotas ou a capacidade de construir novas redes de apoio são cruciais para o sucesso da adaptação (Giddens, 2008).

Por fim, a dimensão política exerce uma influência considerável sobre os fluxos migratórios no esporte. Políticas governamentais de imigração, acordos bilaterais entre países e legislações específicas que regulamentam a contratação de atletas estrangeiros(as) podem facilitar ou dificultar a migração (Giddens, 2008). Regras de cotas para jogadores(as) estrangeiros(as) em ligas nacionais, por exemplo, afetam diretamente a capacidade dos clubes de contratar talentos de outros países (Maguire & Falcous, 2010). Conflitos políticos, instabilidade social ou crises econômicas em países de origem também podem impulsionar a migração de atletas, que buscam segurança e estabilidade para continuar suas carreiras (Maguire & Falcous, 2010).

A Lei Bosman na Europa é um exemplo claro de como uma decisão política pode ter um impacto revolucionário na dinâmica migratória no esporte, ao eliminar restrições de nacionalidade para jogadores(as) da União Europeia, criando um mercado de trabalho mais livre e globalizado dentro do bloco (Maguire & Falcous, 2010). A Lei Bosman, também conhecida como Acórdão Bosman, é uma decisão judicial europeia de 1995 que revolucionou o futebol, permitindo que jogadores de futebol pudessem se transferir livremente para outros clubes ao término de seus contratos, sem que o antigo clube recebesse qualquer compensação financeira. Além disso, seus efeitos também se estendem, de forma indireta, a atletas considerados “extracomunitários”, ou seja, aqueles nascidos fora da Europa que, ao longo de suas trajetórias, adquirem cidadania europeia, seja por descendência ou por tempo de residência (Silva, Rigo & Freitas, 2012). Nesse contexto, a possibilidade de obtenção de dupla cidadania torna-se um fator estratégico no planejamento de carreira, funcionando como um atrativo adicional para a migração de atletas de fora da Europa, que visam ampliar suas oportunidades de inserção e circulação no mercado esportivo europeu (Silva, Rigo & Freitas, 2012).

Para mais, além dessas dimensões, pode-se acrescentar também uma perspectiva histórica, especialmente relacionada aos processos coloniais, que contribuíram para a construção de vínculos linguísticos, culturais e institucionais entre determinados países (Lander, 2005). Nesse sentido, observa-se que parte dos fluxos migratórios no futebol (inclusive no futebol de mulheres) ocorre em direção a antigas metrópoles, como resultado de conexões estabelecidas ao longo do período colonial (Fagundes, 2023). Tais vínculos podem facilitar a adaptação dos atletas, influenciar oportunidades de inserção no mercado internacional e reforçar padrões históricos de circulação de pessoas e talentos no sistema esportivo global (Carvalho, 2022). Compreender essas diferentes camadas é crucial para analisar a complexa teia de motivações que levam um atleta a deixar seu

país de origem ou seu clube atual em busca de novas oportunidades (Carvalho, 2022).

Em suma, a migração no esporte é um fenômeno complexo, impulsionado por uma interação dinâmica de fatores econômicos, esportivos, pessoais e políticos. Analisar cada uma dessas dimensões permite uma compreensão mais completa das motivações e dos desafios enfrentados pelos(as) atletas que decidem atravessar fronteiras em busca de seus sonhos e objetivos (Giddens, 2008).

O Processo Migratório no Futebol

O fluxo migratório de jogadores tem impactos profundos tanto nos países de origem quanto nos de destino (Figueiredo, 2011). Para os países de origem, o lado negativo mais evidente é o chamado "êxodo" de talentos, os clubes e ligas perdem seus melhores atletas em idades cada vez mais jovens, o que enfraquece a qualidade técnica dos campeonatos locais (Figueiredo, 2011). No Brasil, por exemplo, o fim da "Lei do Passe", que estabeleceu o "passe livre", permitindo maior liberdade aos jogadores e extinguindo a "era do passe", onde os clubes eram os "senhores dos atletas", facilitou ainda mais a saída de jogadores para o exterior (Figueiredo, 2011).

Com o fim da Lei do Passe no Brasil (Lei nº 9.615/1998 – Lei Pelé), os(as) atletas passaram a ter liberdade contratual ao término do vínculo, deixando de ser “propriedade” dos clubes. Em termos jurídicos, portanto, não há distinção de gênero, todos têm direito ao passe livre, à celebração de contratos por prazo determinado e à livre circulação ao final do contrato.

Por outro lado, a migração também pode ser vista como uma oportunidade (Nascimento et al., 2020). O dinheiro gerado com a venda de jogadores ajuda a manter a saúde financeira dos clubes e a investir na formação de novas promessas (Figueiredo, 2011). Além disso, muitos atletas retornam ao seu país de origem no fim da carreira, trazendo consigo a experiência e o conhecimento adquiridos em ligas mais desenvolvidas (Figueiredo, 2011).

Para os países de destino a migração qualificada traz uma grande diversidade para os times e seleções (Nascimento et al., 2020). A chegada de estrangeiros enriquece a cultura tática e técnica dos clubes, e a troca de experiências entre jogadores de diferentes nacionalidades eleva o nível geral do esporte (Figueiredo, 2011).

No entanto, também existem desafios, como as questões de adaptação dos jogadores a uma nova cultura, o idioma, e até mesmo casos de preconceito e racismo contra imigrantes, são problemáticas que precisam ser enfrentadas (Silva & Paula, 2019).

O processo migratório no futebol é um fenômeno global que reflete as dinâmicas sociais, econômicas e políticas do mundo (Rojo; Souza & Starepravo, 2024). Ele molda o presente e o

futuro do esporte, trazendo tanto oportunidades quanto desafios para atletas, clubes e federações em todo o planeta (Figueiredo, 2011).

No universo do futebol de mulheres, a migração de atletas constitui-se como um fenômeno diretamente associado às desigualdades estruturais do campo esportivo e à busca por melhores condições de trabalho e profissionalização (Pizarro, 2024). Historicamente, o futebol praticado por mulheres recebeu menos investimentos, menor visibilidade midiática e apoio institucional reduzido, o que resultou na consolidação de ligas domésticas marcadas por baixos salários, contratos instáveis e estruturas menos profissionalizadas (Brum; Nascimento & Pereira, 2019). Nesse contexto, a migração internacional não representa apenas uma estratégia de progressão na carreira, mas, para muitas jogadoras, uma condição necessária para a possibilidade de viver exclusivamente do esporte. Trata-se, ademais, de um processo relativamente recente, porém em franca aceleração, impulsionado pela profissionalização do futebol de mulheres nos Estados Unidos e na Europa desde o início dos anos 2000 (Agergaard; Tiesler, 2014). Esse movimento intensificou-se de forma significativa na década de 2020, com crescimento exponencial dos fluxos migratórios: somente em 2022, foram registradas 1.555 transferências internacionais no futebol de mulheres, representando um aumento de 20% em relação a 2021 e de 45% em comparação a 2018, envolvendo um número cada vez maior de associações nacionais. Esses deslocamentos tendem a se concentrar em determinadas “zonas de prestígio” do futebol feminino global — como Estados Unidos, Alemanha e Suécia — que operam como polos de atração de talentos, evidenciando a existência de hierarquias espaciais e assimetrias persistentes na circulação internacional das atletas (Agergaard & Tiesler, 2014).

Apesar dos desafios de adaptação, essa diáspora de talentos também fortalece o futebol de mulheres globalmente (Brum; Nascimento & Pereira, 2019). A troca de experiências e a diversidade cultural e tática que as jogadoras levam para os times enriquece o esporte (Pizarro, 2024). Quando retornam aos seus países, elas trazem consigo não apenas um nível de jogo mais alto, mas também a experiência de uma organização e profissionalismo que podem inspirar e ajudar a desenvolver as ligas locais (Pizarro, 2024). Assim, a migração no futebol de mulheres, embora exponha as disparidades do esporte, também atua como um motor de crescimento e globalização (Brum; Nascimento & Pereira, 2019).

Delineamento Metodológico do Estudo

A presente pesquisa caracteriza-se como documental, a qual utiliza como fonte materiais

que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (Gil, 2002). O presente estudo se baseia na análise de dados secundários, que se refere ao processo de coleta, organização e interpretação de informações que foram previamente coletadas e disponibilizadas por outra fonte (Datanorte, 2025).

Os dados são referentes às transferências de atletas que integram os clubes participantes da *UEFA Women's Champions League 24/25*. Os 16 clubes analisados foram: *Arsenal Women FC*, *FC Barcelona*, *FC Bayern München*, *Celtic FC*, *Chelsea FC Women*, *Galatasaray A.Ş.*, *Hammarby IF*, *Juventus FC*, *Manchester City FC*, *OL Lyonnes*, *Real Madrid C.F.*, *AS Roma*, *SKN St. Pölten*, *FC Twente*, *Vålerenga Fotball* e *VfL Wolfsburg*.

O processo de coleta de dados foi realizado no *website* oficial da UEFA (<https://pt.uefa.com/womenschampionsleague/>), resultando na organização das informações em planilhas eletrônicas (*Microsoft Excel*), as quais foram organizadas por times, contendo: a nacionalidade, o nome, a idade, a posição e o número, de cada atleta e treinador(a). Desta forma constatando a possível heterogeneidade dos clubes. Para fins de análise, a nacionalidade das atletas foi definida com base na seleção nacional que representam em competições oficiais, critério adotado por refletir sua vinculação esportiva internacional e por ser amplamente utilizado em estudos sobre mobilidade no futebol.

As variáveis centrais para a análise compreendem a nacionalidade, o clube atual, a posição em campo e a idade das jogadoras. Adicionalmente, a visualização dos fluxos migratórios das atletas foi realizada por meio da elaboração de planilhas e mapas. Essa representação visual teve como objetivo identificar as principais rotas de transferência e a intensidade dos movimentos entre diferentes países e ligas, facilitando a compreensão dos padrões migratórios no cenário do futebol de mulheres europeu em sua principal competição. Destacamos que a coleta foi realizada no mês de maio de 2025.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da estatística descritiva. Em consonância com Guedes et. al. (2005), essa abordagem busca evidenciar tendências a partir da organização e apresentação de dados numéricos e estatísticos em formatos como tabelas, gráficos e medidas descritivas. Assim, a estatística descritiva oferece um conjunto de ferramentas metodológicas para organizar os dados e ampliar a compreensão da realidade investigada (Silvestre, 2007). A análise subsequente empregou técnicas de estatística descritiva, com o cálculo de frequências, percentuais e médias para caracterizar o perfil das transferências.

Resultados e discussões

O futebol europeu de mulheres e a migração de atletas e treinadores(as)

Considerando os 16 clubes incluídos nesta pesquisa, analisamos especificamente 458 jogadoras e seus/suas 16 treinadores(as). A média de idade das jogadoras se mostrou bastante variada, mas a maioria dos elencos se concentra na faixa de 24 a 26 anos (média de $24,5 \pm$ anos), mostrando que são equipes jovens. Equipes como o *FC Twente* (Holanda) têm uma média de idade menor ($20,9 \pm$ anos), o que pode indicar uma estratégia de desenvolvimento de jovens talentos. Já o *Galatasaray A.Ş* (Turquia), tem a maior média com $27,2 \pm$ anos. Entre as atletas mais novas em destaque, encontramos quatro jogadoras de apenas 16 anos, o que sublinha a crescente aposta na formação de talentos. São elas: Luzie Zähringer (*FC Bayern München*); Silvia Fernandez (*Real Madrid C.F.*); Viola Sossai (*Juventus FC*); Sara Terlizzi (*AS Roma*). No outro extremo, com 37 anos, estão algumas das jogadoras mais experientes, que trazem um vasto conhecimento e liderança para suas equipes: Linda Sembrant (*FC Bayern München*); Isabelle Meyer (*SKN St. Pölten*); Mateja Zver (*SKN St. Pölten*).

Na análise relativa aos clubes, verifica-se que a grande maioria (81,25%) possui treinadores homens. Apenas *SKN St. Pölten* (Áustria), *Celtic FC* (Escócia), e *OL Lyonnese* (França) têm treinadoras mulheres, o que indica que a profissionalização e a visibilidade crescentes do futebol de mulheres não têm se traduzido, de forma equivalente, em maior acesso feminino aos cargos de comando.

A baixa representatividade de mulheres na comissão técnica não é um fenômeno isolado e pode ser atribuída a uma combinação de fatores históricos, institucionais e culturais. Historicamente, menos mulheres foram encorajadas ou tiveram acesso a cursos de formação e licenças de treinadoras de alto nível (Ferreira; Salles & Mourão, 2015). Ademais, a transição de carreira de jogadora para treinadora pode ser dificultada por falta de oportunidades ou apoio institucional (Ferreira; Salles & Mourão, 2015). Dados recentes da UEFA indicam que, embora o número de mulheres com licenças de treinadoras tenha ultrapassado 20 mil — representando um crescimento de 45% nos últimos anos — e mais de 2.400 treinadoras tenham sido certificadas por programas específicos desde 2016, a presença de mulheres ainda não se reflete proporcionalmente nos cargos de liderança técnica no futebol de elite (UEFA, 2025). Esses obstáculos não se distribuem de forma homogênea entre as mulheres, uma vez que marcadores como raça e origem geográfica aprofundam as desigualdades, com treinadoras racializadas e oriundas do Sul Global enfrentando barreiras adicionais de acesso, reconhecimento e permanência nos cargos de liderança técnica (Sampaio & Barreira, 2026). Além disso, a cultura esportiva, muitas vezes enraizada em

tradições masculinas, tende a privilegiar e confiar mais em homens para papéis de autoridade e liderança técnica (Rubio, 2021). Mulheres podem enfrentar vieses inconscientes ou questionamentos sobre sua capacidade de liderar uma equipe de alto desempenho (Rubio, 2021). E, mesmo quando qualificadas, as mulheres tendem a receber menos ofertas para treinar times de ponta ou são as primeiras a serem demitidas (Rubio, 2021). A maioria das oportunidades de destaque continua sendo dada aos homens, perpetuando o ciclo (Ferreira; Salles & Mourão, 2015). Esse cenário demonstra que a desigualdade de gênero na comissão técnica não é apenas resultado de escolhas individuais, mas de um sistema estruturado que limita o acesso, a permanência e a progressão das mulheres na carreira (Dias et al., 2025).

Um caso de sucesso, o *OL Lyonnese*, historicamente tem investido em uma liderança feminina notável (Mendes, 2025). O *OL Lyonnese* é uma das potências do futebol de mulheres mundial, e a escolha por uma treinadora mulher (Sonny Bompastor no momento) indica que a consolidação de projetos esportivos bem-sucedidos está vinculada à estrutura, ao planejamento e ao suporte institucional, deslocando o gênero do centro explicativo do sucesso esportivo (Mendes, 2025).

Em relação à nacionalidade, observa-se que 62,50% dos(as) treinadores(as) são oriundos(as) do próprio país do clube, enquanto 37,50% possuem nacionalidade estrangeira. Dentre estes(as), 18,75% são provenientes de fora do continente europeu, especificamente do Brasil, da Austrália e da Turquia (região asiática), indicando que a circulação de profissionais na liderança técnica do futebol de mulheres ultrapassa as fronteiras internas da Europa (Tabela 1). Acrescenta-se que dos(as) treinadores(as) estrangeiros(as) apenas uma é mulher, reforçando os aspectos previamente mencionados.

TREINADORES(AS)				
NÃO EUROPEU	ESTRANGEIROS	LOCAIS	HOMENS	MULHERES
18,75%	37,50%	62,50%	81,25%	18,75%

Tabela 1. Percentual de treinadores(as) em relação à nacionalidade e gênero.

Já a migração de atletas para os clubes da UWCL, reflete as dinâmicas globais do futebol de mulheres e a busca por melhores oportunidades (Mendes, 2025). No que se refere às jogadoras, ao analisar os 16 clubes participantes da *UEFA Women's Champions League 24/25*, observamos que a proporção de jogadoras estrangeiras varia significativamente entre os clubes (Tabela 2).

TIME	PAÍS DE ORIGEM	ESTRANGEIRAS	LOCAIS
FC Bayern München	Alemanha	35,30%	64,70%
VfL Wolfsburg	Alemanha	33,33%	66,67%
SKN St. Pölten	Áustria	30,43%	69,57%
Celtic FC	Escócia	52%	48%
FC Barcelona	Espanha	27,27%	72,73%
Real Madrid C.F.	Espanha	27,90%	72,10%
OL Lyonnnes	França	44,44%	55,56%
FC Twente	Holanda	9,37%	90,63%
Arsenal Women FC	Inglaterra	69,23%	30,77%
Chelsea FC Women	Inglaterra	60%	40%
Manchester City FC	Inglaterra	57,70%	42,30%
Juventus FC	Itália	31,25%	68,75%
AS Roma	Itália	43,33%	56,67%
Vålerenga Fotball	Noruega	26,09%	73,91%
Hammarby IF	Suécia	48%	52%
Galatasaray A.Ş.	Turquia	33,33%	66,67%

Tabela 2. Times participantes da UEFA Women's Champions League 24/25 e a quantidade de jogadoras locais e estrangeiras.

A análise da Tabela 2 evidencia dois perfis distintos. No geral, os times com a maior proporção de estrangeiras estão na Inglaterra: *Arsenal Women FC* (69,23%), *Chelsea FC Women* (60%) e *Manchester City FC* (57,70%). Isso sugere que o futebol inglês, especialmente em times de grande expressão, atrai muitas jogadoras de fora, como apontam Williams (2013) e Izidro (2025). Este alto índice de migração para a Inglaterra pode ser explicado pelos fatores migratórios discutidos previamente, em especial a dimensão econômica e esportiva. As ligas inglesas, com maior profissionalização e remuneração, atuam como um forte polo de atração, oferecendo salários mais altos e maior visibilidade, que são motivadores centrais para atletas buscarem ligas mais ricas e estabelecidas (Izidro, 2025).

Em contrapartida, times como *FC Twente* (Holanda) e *Vålerenga Fotball* (Noruega) têm uma forte base de jogadoras locais, com 90,63% e 73,91%, respectivamente. Essa prevalência de atletas locais pode indicar uma das duas situações: ou estes clubes não são destinos tão atrativos

para as jogadoras estrangeiras e/ou não têm uma cultura de captação de atletas advindas de outras localidades. No contexto da migração, isso sugere que os fatores de atração (como salários e visibilidade) são menos intensos nessas ligas, ou que há um foco maior em políticas de formação e retenção de talentos nacionais.

A Hegemonia Europeia no Futebol Europeu

A análise da origem continental das atletas estrangeiras na *UEFA Women's Champions League* permite avaliar a existência — ou não — de uma hegemonia europeia na competição, bem como identificar a participação e o peso dos fluxos migratórios provenientes de outros continentes. O panorama geral dos dados analisados confirma a tese da hegemonia, em que 86,90% das jogadoras estrangeiras atuantes nos clubes da UWCL são provenientes de países pertencentes ao continente europeu. Isso demonstra que o principal motor da mobilidade na liga é a migração intraeuropeia, onde as atletas se movem entre nações do bloco em busca de melhores condições contratuais, desenvolvimento esportivo ou maior visibilidade.

Apenas 60 (13,10%) atletas, das 458, são estrangeiras e têm origem em outros continentes (Oceania 7, América 24, Ásia 25, África 4), confirmando que a migração intercontinental para o futebol europeu de mulheres é seletiva e concentrada. Essa minoria de jogadoras não europeias tende a migrar prioritariamente para ligas e clubes que atuam como polos econômicos e esportivos de grande atração.

Por outro lado, a presença de jogadoras não europeias é um indicador da globalização do esporte. O *Galatasaray A.Ş.* (Turquia) se destaca com 85,71% de suas estrangeiras de fora da Europa (equivalente a 18 jogadoras), um padrão que pode ser interpretado à luz da posição intercontinental da Turquia, situada entre a Europa e a Ásia, o que tende a favorecer conexões esportivas e fluxos migratórios extraeuropeus. O *OL Lyonnnes* (França), com 19,44% (7 jogadoras), e os times ingleses *Arsenal Women FC* (19,23%) e *Manchester City FC* (23,08%) também possuem uma representativa quantidade de atletas de outros continentes. Já clubes como o *FC Barcelona* (Espanha) e a *Juventus FC* (Itália) não possuem jogadoras não europeias, mostrando que a migração para esses clubes se limita a atletas de outros países da Europa (Tabela 3).

TIME	PAÍS DE ORIGEM	ESTRANGEIRAS	NÃO EUROPEIAS
FC Bayern München	Alemanha	35,30%	2,94%
VfL Wolfsburg	Alemanha	33,33%	0%
SKN St. Pölten	Áustria	30,43%	4,35%

TIME	PAÍS DE ORIGEM	ESTRANGEIRAS	NÃO EUROPEIAS
Celtic FC	Escócia	52%	20%
FC Barcelona	Espanha	27,27%	0%
Real Madrid C.F.	Espanha	27,90%	6,98%
OL Lyonnes	França	44,44%	19,44%
FC Twente	Holanda	9,37%	3,12%
Arsenal Women FC	Inglaterra	69,23%	19,23%
Chelsea FC Women	Inglaterra	60%	24%
Manchester City FC	Inglaterra	57,70%	23,08%
Juventus FC	Itália	31,25%	3,12%
AS Roma	Itália	43,33%	10%
Vålerenga Fotball	Noruega	26,09%	4,35%
Hammarby IF	Suécia	48%	8%
Galatasaray A.Ş.	Turquia	33,33%	85,71%

Tabela 3. Percentual por clube participante da UWCL 24/25 de atletas estrangeiras e não europeias.
Legenda: Porcentagens referentes ao total de atletas dos clubes.

Ao analisar os clubes que mais recebem atletas de fora da Europa, destacam-se os clubes ingleses (*Arsenal Women FC*, *Chelsea FC Women*, *Manchester City FC*). Mantendo a tendência observada anteriormente, esses clubes, favorecidos por elevados níveis de profissionalização e alto poder de investimento, configuram-se como importantes portas de entrada para jogadoras de outros continentes no futebol europeu. A proporção de atletas não europeias nesses elencos reflete, sobretudo, a atração exercida sobre jogadoras oriundas das Américas (Estados Unidos, Canadá e Brasil) e do continente africano. À luz da noção de “zonas de prestígio” proposta por Agergaard e Tiesler (2014), tais clubes operam como polos hierarquizados do mercado global do futebol de mulheres, concentrando recursos simbólicos, econômicos e esportivos que intensificam os fluxos migratórios internacionais. De modo semelhante, o clube francês *OL Lyonnes*, potência histórica da competição, também se afirma como um destino relevante para atletas intercontinentais, mobilizando seu prestígio esportivo como fator central de atração (Mendes, 2025).

Por outro lado, a hegemonia se manifesta claramente na ausência ou baixa representatividade de atletas não europeias em clubes de grande escalão como o *FC Barcelona* e a *Juventus FC*. A presença majoritária, e em alguns casos exclusiva, de jogadoras europeias e locais nesses clubes de elite sugere uma política de formação nacional forte ou uma preferência por talentos regionais, mesmo sendo times com alto poder de atração. No caso do *FC Barcelona*, a ausência de jogadoras não europeias pode ser interpretada à luz de uma política esportiva

fortemente orientada para a formação local e para a consolidação de talentos desenvolvidos internamente. Conforme aponta Abdullah (2024), mesmo diante das transformações recentes e da intensificação da concorrência no mercado internacional do futebol de mulheres, o clube buscou preservar sua identidade institucional, baseada na promoção e no desenvolvimento de atletas formadas em suas próprias categorias de base. Essa estratégia se materializa na centralidade assumida por jogadoras como Aitana Bonmatí, Patri Guijarro, Claudia Pina e Alexia Putellas — esta última com parte de sua formação nas categorias de base do clube —, cujas trajetórias exemplificam a aposta na continuidade formativa e na valorização do talento local. A literatura sugere que clubes com forte identidade formativa e elevado nível técnico tendem, nesse sentido, a reduzir a necessidade de recrutamento externo, especialmente em contextos de alto rendimento (Parreira, 2005). Trata-se, contudo, de uma interpretação analítica, e não de uma relação causal diretamente verificada pelos dados desta pesquisa.

Entrando, um caso específico, é a equipe do *Galatasaray A.Ş.* que apresenta uma peculiaridade geográfica que merece atenção. Sua alta taxa de jogadoras não europeias deve ser analisada com cautela, pois a equipe tem uma base que se estende pelo lado asiático da Turquia. Embora a Turquia seja um país e uma federação, a menção de "não europeias" pode incluir jogadoras do lado asiático do país. Porém, independentemente da exata origem, a cidade de Istambul, como um importante centro cultural e econômico que liga a Europa à Ásia, funciona como um polo de atração para atletas de nações vizinhas e de continentes próximos.

Em suma, os dados demonstram de forma robusta que a *UEFA Women's Champions League* é dominada por atletas do próprio continente (hegemonia europeia, de acordo com a hipótese inicialmente formulada). A migração intercontinental é um fenômeno real, mas seletivo, direcionado majoritariamente a ligas com maior capacidade econômica (Inglaterra) (Izidro, 2025) e clubes com prestígio esportivo consolidado (*OL Lyonnes*) (Mendes, 2025), sendo praticamente inexistente nas ligas mais localizadas ou naquelas que priorizam a formação nacional.

Quem Migra Mais? Uma Análise do Processo Migratório por Posição

A análise do processo migratório das atletas da *UEFA Women's Champions League* 2024/2025, quando observada a partir das posições em campo, evidencia que o fenômeno migratório não ocorre de forma homogênea entre os diferentes setores. Cada posição apresenta um padrão específico de mobilidade, o que pode sugerir tanto nas demandas táticas das equipes quanto nas dinâmicas do mercado internacional de jogadoras.

Os dados mostram que as goleiras constituem o grupo com menos movimentações entre todas as posições. A maioria das atletas que atuam nesta função são locais ($\pm 71\%$), ou seja, pertencem ao mesmo país do clube em que jogam. A menor mobilidade internacional das goleiras pode ser interpretada à luz da literatura que destaca a centralidade da comunicação e da liderança na posição, elementos que tendem a ser facilitados quando há domínio do idioma e maior familiaridade cultural (Parreira, 2005). Nesse sentido, sugere-se que tais exigências funcionem como fatores que restringem a migração nessa posição, embora essa relação não tenha sido diretamente mensurada neste estudo.

Entre as defensoras observa-se uma baixa mobilidade internacional. A proporção de estrangeiras nessa posição permanece moderada, em torno de 10% a 25% nos clubes analisados. A função defensiva exige adaptação tática e sincronia coletiva, fatores que podem ser afetados por diferenças linguísticas e culturais. Ademais, muitos clubes formam suas linhas defensivas com atletas locais ou regionais. Ainda assim, em contextos mais competitivos, como Inglaterra e França, nota-se a presença de defesas estrangeiras como a Tarciane (BRA) do *OL Lyonnnes*, Emily Fox (USA) do *Arsenal Women FC*, Ashley Lawrence (CAN) do *Chelsea FC Women*, entre outras.

As meio-campistas, por sua vez, apresentam um nível mais elevado de mobilidade. O meio-campo, tradicionalmente associado à organização e criatividade do jogo, é uma área em que os clubes procuram diversidade técnica e tática (Parreira, 2005). As estrangeiras representam cerca de 25% a 35%, por clube, das jogadoras desta posição. Essa maior presença de estrangeiras pode refletir o interesse dos clubes em variar os estilos de jogo, incorporando atletas com diferentes formações e experiências competitivas.

Nas atacantes, a mobilidade internacional atinge seu pico mais elevado. As jogadoras de ataque são as que mais migram entre clubes e países ($\pm 45\%$), com proporções de estrangeiras que podem superar 40% em equipes como *Chelsea FC Women*, *Arsenal Women FC* e *OL Lyonnnes*. Essa tendência pode ter relação com a busca incessante dos clubes por talentos ofensivos de elite, capazes de decidir as partidas, assim ganhando títulos e atraindo público. As avançadas estrangeiras são, frequentemente, contratadas por seu histórico de desempenho em competições internacionais, tornando-se peças centrais no fortalecimento das estratégias ofensivas dos clubes. Assim, a posição de atacante funciona como uma verdadeira “porta de entrada” para o mercado europeu de futebol de mulheres.

Em suma, esse padrão reforça a ideia de que o futebol europeu de mulheres está cada vez mais globalizado, mas de forma seletiva e posicional. As posições que exigem maior estabilidade e integração tática mantêm caráter nacional, enquanto aquelas que valorizam o protagonismo técnico

e o impacto individual, como o ataque, apresentam maior intercâmbio internacional. Em outras palavras, quanto mais próxima da área adversária, maior tende a ser a migração, o que demonstra a busca por diferenciais competitivos em setores decisivos do jogo.

A concentração de atletas migrantes em determinados clubes e ligas, aliada à seletividade posicional do mercado, sugere um modelo de crescimento baseado na atração de talentos estrangeiros e no poder econômico de poucos centros esportivos. Embora esse processo contribua para a elevação do nível técnico da competição, ele também pode aprofundar desigualdades entre clubes e regiões, colocando em debate a viabilidade de um desenvolvimento equilibrado a longo prazo.

Considerações finais

A partir da análise documental e descritiva, foi possível compreender como o fenômeno migratório se manifesta no futebol europeu de mulheres e identificar alguns dos fatores que contribuem para a composição internacional dos elencos. A literatura especializada tem demonstrado que a migração de mulheres futebolistas é um processo multifacetado, atravessado por dimensões esportivas, econômicas, culturais e políticas, envolvendo desde a busca por melhores condições de trabalho e desenvolvimento do talento até questões relacionadas à liberdade, reconhecimento profissional e, em alguns contextos, a experiências de exclusão e perseguição (Agergaard & Tiesler, 2015; Williams, 2013). No presente estudo, contudo, o enfoque recaiu prioritariamente sobre a dimensão esportiva desse fenômeno, a partir da análise dos fluxos migratórios entre equipes e da distribuição das atletas por posições de jogo. Esse recorte, ao mesmo tempo que permite evidenciar padrões específicos do mercado esportivo europeu, delimita o alcance interpretativo da pesquisa, abrindo espaço para investigações futuras que incorporem outras perspectivas analíticas e metodológicas, como abordagens qualitativas centradas nas trajetórias, experiências e motivações das atletas.

Os resultados indicam que a migração no futebol europeu de mulheres é marcada por forte hegemonia intraeuropeia, com a maioria das jogadoras estrangeiras oriundas do próprio continente. Apenas 13,1% das atletas migrantes vieram de fora da Europa, mostrando que, apesar da crescente globalização do futebol de mulheres, o continente europeu ainda concentra as principais oportunidades. A análise por posição revelou que a migração é mais intensa em posições de ataque e meio-campo, reforçando a lógica do mercado esportivo, em que o protagonismo individual (gols, assistências) e a capacidade de decisão são fatores altamente valorizados (e consequentemente, mais buscados).

Além da mobilidade das atletas, o estudo também evidenciou que o processo migratório se manifesta na circulação de treinadores(as), ainda que de forma mais restrita e assimétrica. Observou-se o predomínio expressivo de homens nos cargos de liderança técnica, bem como uma maior presença de treinadores locais em comparação aos estrangeiros. Embora exista mobilidade internacional, inclusive com casos de treinadores(as) oriundos de fora do continente europeu, a presença de mulheres nessa função permanece residual, indicando que as barreiras de gênero se mostram mais persistentes do que as fronteiras nacionais. Esses achados revelam que, mesmo em um contexto de crescente profissionalização do futebol de mulheres, as estruturas de poder e comando técnico continuam reproduzindo desigualdades históricas, limitando o acesso de mulheres a posições de liderança, inclusive nos principais centros do futebol europeu.

De modo geral, os achados demonstram que o processo migratório no futebol europeu de mulheres reflete tanto os avanços da profissionalização e internacionalização do esporte quanto às desigualdades persistentes de gênero e de acesso às oportunidades globais. A mobilidade das jogadoras, embora cada vez mais ampla, ainda é seletiva e concentrada em clubes e ligas com maior poder econômico.

Por fim, esta pesquisa contribui para a compreensão das dinâmicas contemporâneas do futebol de mulheres ao evidenciar como a migração atua como um motor de desenvolvimento técnico, simbólico e social do esporte. Como agenda para investigações futuras, sugere-se o aprofundamento da análise sobre os valores financeiros envolvidos nas transferências de atletas. Estudos dessa natureza poderiam ampliar a compreensão sobre a mercantilização do futebol de mulheres, bem como sobre as disparidades econômicas entre clubes, ligas e regiões, contribuindo para o debate sobre sustentabilidade, equidade e regulação do mercado de trabalho esportivo feminino.

Referências

- Abdullah, A. (2024). *Rise of a new dynasty: FC Barcelona Femení's emerging legacy*. Pitch Publishing.
- Agergaard, S., & Tiesler, N. C. (2015). *Introduction*. In S. Agergaard & N. C. Tiesler (Eds.), *Women, soccer and transnational migration: State of the art, history and current patterns* (pp. 8–15). Routledge.
- Barata, G. C. (2025). *Barcelona tem maioria no estádio*. **Lance!**
<https://www.lance.com.br/futebol-feminino/lisboa-38-mil-publico-final-champions-feminina.html>

Brasil. Ministério das Mulheres. (2025). *Futebol feminino em ascensão: Mais visibilidade, investimentos e protagonismo para as mulheres*.

<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/julho/futebol-feminino-em-ascensao-mais-visibilidade-investimentos-e-protagonismo-para-as-mulheres>

Breaking the Lines. (2025). *Beyond the pitch: How football transcends borders, cultures and socioeconomic barriers to unite people worldwide*.

<https://breakingthelines.com/opinion/beyond-the-pitch-how-football-transcends-borders-cultures-and-socioeconomic-barriers-to-unite-people-worldwide/>

Brum, M. F., Nascimento, D. R., & Pereira, E. G. B. (2019). Trajetória profissional das atletas da seleção brasileira de futebol feminino. *Motrivivência*, 31(59), 1–15.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e66537>

Carvalho, M. V. P. de. (2022). Influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas de futebol: Um estudo com atletas da categoria sub-17, oriundos de outras regiões, em um clube cearense (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Ceará).

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/70808/4/2022_tcc_mvpcarvalho.pdf

Datanorte. (2025). *Métodos: Análise de dados secundários*.

<https://www.institutodatanorte.com.br/metodos/analise-de-dados-secundarios/13>

Dias, V., Calleja-González, J., López-Ros, V., Font-Lladó, R., Arede, J., Cunha, L., Douka, S., Rosa, B., Pinto, G., & Leite, N. (2025). Analysing gender disparities in youth sports coaching: An international survey (FEMCoach project). *Frontiers in Psychology*, 16, 1560764.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1560764>

Fagundes, M. A. (2023). O futebol profissional em um mundo globalizado pós-colonial: A circulação de jogadores profissionais entre Portugal e os PALOPS (1995–2022) (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Centro-Oeste).

<https://tede.unicentro.br/jspui/bitstream/jspui/2252/2/MARCOS%20AUGUSTO%20FAGUNDES.pdf>

Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., & Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, 26(1), 21–34.

<https://www.scielo.br/j/refuem/a/wWZkYmzXBWXjVmcrS9hF9tF/>

Figueiredo, D. (2011). *A profissionalização das organizações do futebol: Um estudo de casos múltiplos sobre a estratégia, estrutura e ambiente dos clubes brasileiros* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais.

Giddens, A. (1978). *Central problems in social theory: Action, structure and contradiction in social analysis*. University of California Press.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Artmed.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.

Izidro, M. (2025). *De proibição a potência mundial: Como a Inglaterra se tornou uma das melhores do planeta no futebol feminino*. **BBC News Brasil**.

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0kjgvqek19o>

Lander, E. (2005). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. CLACSO. <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci%C3%A2ncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>

Maguire, J., & Falcous, M. (2010). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. Routledge.

Marden e Fraga Advogados. (2024). Dupla nacionalidade no futebol: Como funciona?

<https://mardenefraga.adv.br/trabalhador/dupla-nacionalidade-futebol/>

Martins, M. Z., Delarmelina, G. B., & Souza, L. C. (2024). Relações de trabalho no futebol de mulheres. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, 31, 1–27.

<https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.54309>

Nascimento, D. R., Ribeiro, C. H. V., Palma, A., & Pereira, E. G. B. (2020). Migração no esporte: Uma revisão sistemática. *Motrivivência*, 32(62), 1–20.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/66537>

Parreira, C. A. (2005). *Evolução tática e estratégias de jogo*. CSP Marketing.

Pizarro, J. O. (2024). Globalização e futebol feminino: O mercado de circulação das atletas nos mundiais FIFA e Jogos Olímpicos. *RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 16(66), 390–414.

<https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1454>

Redação da TNT Sports. (2024). *Champions League feminina: Veja formato, datas e times da competição*. **TNT Sports Brasil**.

<http://tntsports.com.br/championsleague/Champions-League-feminina-veja-formato-datas-e-times-da-competicao-20241004-0017.html>

Rojo, J. R., Souza, J., & Starepravo, F. A. (2024). Dimensões da migração esportiva: Aportes para um modelo reflexivo. *Movimento*, 30, e30067.

<https://www.scielo.br/j/mov/a/T5RQSCgidHXhwPVdqGM9Nsr/>

Rubio, K. (2021). *Mulheres e esporte no Brasil: Muitos papéis, uma única luta*. Laços.

Saffer, P. (2008). *Champions League feminina arranca em 2009*. Union of European Football Associations.

<https://pt.uefa.com/womenschampionsleague/news/01d4-0e10c697b47c-ae3d8ee0e3c5-1000--champions-league-feminina-arranca-em-2009/>

Sampaio, M. E., & Barreira, J. (2026). Thirty-two years of inequality in coaching at the FIFA Women's World Cup (1991–2023): do gender, race and region matter? *Soccer & Society*, 1–20. <https://doi.org/10.1080/14660970.2025.2603769>

Santos, M. T. (2023). *Quais são os maiores públicos de futebol feminino na história?* Superesportes. https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol-feminino/2023/06/03/noticia_futebol_feminino,3996839/quais-sao-os-maiores-publicos-de-futebol-feminino-na-historia.shtml

Silva, D. V. da, Rigo, L. C., & Freitas, G. da S. (2012). Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista da Educação Física/UEM*, 23(3). <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.15381>

Silva, F. H. A., & Paula, P. Â. F. (2019). Os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. *Psicologia em Revista*, 25(3), 1–30.

Union of European Football Associations. (2019). *Novo formato da Women's Champions League com fase de grupos*. <https://pt.uefa.com/womenschampionsleague/news/0258-0e2242b425ff-ba71288a4c9e-1000--novo-formato-da-women-s-champions-league-com-fase-de-grupo/>

Union of European Football Associations. (2024). *História da UEFA Women's Champions League*. <https://pt.uefa.com/womenschampionsleague/news/01f1-0e12309963ca-3c4a3796d945-1000--historia-da-uefa-women-s-champions-league/>

Union of European Football Associations. (2025). Rankings da UEFA – futebol feminino. <https://pt.uefa.com/nationalassociations/uefarankings/womensclub/?year=2025>

Williams, J. (2013). Globalising women's football: Europe, migration and professionalization. Peter Lang.